
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA: DO RACISMO AO ESTUPRO

VIOLENCE AGAINST BLACK WOMEN: FROM RACISM TO RAPE

Cinthia da Silva Belonia¹

Resumo: Este artigo pretende analisar a condição da mulher negra no período colonial a partir da narrativa de Isabela Figueiredo, *Caderno de memórias coloniais* (2010), abordando como o racismo era justificativa para toda a violência sofrida pela mulher negra durante o período colonial em Moçambique. A análise partirá de bell hooks e Angela Davis, dentre outros.

Palavras-chave: Gênero; Violência; Hipersexualização; Racismo.

Abstract: This paper aims to analyze the condition of the black women in the colonial period under the narrative of Isabela Figueiredo, *Caderno de memórias coloniais* (2010), addressing how racism was justification for all the violence suffered by the black women during the colonial period in Mozambique. The analysis will start from bell hooks and Angela Davis, among others.

Keywords: Gender; Violence; Hypersexualization; Racism.

Introdução

Este artigo pretende analisar a condição da mulher negra no período colonial de Moçambique a partir da narrativa de Isabela Figueiredo, *Caderno de memórias coloniais* (2010), abordando a hipersexualização dessas mulheres, pois é ostensiva a forma como a narradora apresenta ao leitor o racismo do colono que “ia às negras”, pois os homens, incluindo os casados, somente procuravam as negras para relações sexuais. A perpetuação desse racismo e machismo era dada por suas respectivas esposas que, ao invés de defenderem essas mulheres, criticavam-nas, considerando-as inferiores por “gostarem de fazer sexo”.

Caderno narra a infância da personagem narradora em Moçambique, o racismo por parte dos colonos portugueses e do pai, que, para ela, era quem lhe “trazia o mundo”. Em entrevista no final do livro, Isabela Figueiredo diz que esse livro é uma espécie de ajuste de contas com o pai, uma forma de absolvê-lo, mas também um ajuste de contas com os outros retornados vivos e com os portugueses que os maltrataram quando estes chegaram a Portugal sem saber que eles já haviam pagado um preço alto ainda na colônia. A autora é também uma retornada, assim como sua personagem. Branca, nascida em Moçambique, considera-se uma portuguesa moçambicana, segundo explica no anexo. Este livro é escrito em Portugal muitos anos após o seu retorno.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Concluiu pesquisa acerca da presença do colono português em Moçambique nos romances *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo, e *Crónica da Rua 513.2*, de João Paulo Borges Coelho.



Esse romance é a memória a partir do olhar de uma criança sobre o colonialismo português personificado na figura do pai. O livro alinha-se à geração dos netos que Salazar não teve: os filhos da Guerra Colonial, da ditadura, dos retornados, crianças com uma memória própria dos eventos que levaram ao fim o império português em África, ou a pós memória (aqueles que não têm memória própria desses eventos, mas cresceram ouvindo as histórias das quais não foram testemunhas). *Caderno* nos mostra, também, a violência bruta cotidiana dos brancos contra os negros: o racismo de cor, personificado na hipersexualização da mulher negra e na infantilização do homem negro.

A hipersexualização da mulher negra

Entre si, as mulheres brancas gostavam de criticar as mulheres negras, como podemos observar no segundo capítulo de *Caderno de memórias coloniais*, que inicia dizendo: “Os brancos iam às pretas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 13). O assunto da mulher branca era o corpo da mulher negra, e este era reduzido ao sexo:

As pretas tinham a cona larga, mas elas diziam as partes baixas ou as vergonhas ou a badalhoca. As pretas tinham a cona larga e essa era a explicação para parirem como pariram, de borco, todas viradas para o chão, onde quer que fosse, como os animais. A cona era larga. A das brancas não, era estreita, porque as brancas não eram umas cadelas fáceis, porque à cona sagrada das brancas só lá tinham chegado o do marido, e pouco, e com dificuldade, que elas eram muito estreitas, portanto muito sérias, e convinha que uma soubesse disso das outras. (FIGUEIREDO, 2010, p. 13).

Segundo a narradora, comumente as negras que se relacionavam com os brancos engravidavam. No entanto, não cobravam deles a paternidade do filho, pois não tinham esse direito. Além disso, ninguém acreditaria nelas: “Como é que uma negra descalça, de teta pendurada, vinda do caniço a saber dizer, sim patrão, certo patrão, dinheiro patrão, sem bilhete de identidade, sem carteira de assimilada, poderia provar que o patrão era o pai da criança” (FIGUEIREDO, 2010, p. 14). Elas nada faziam por saber que poderiam apanhar. Muitos desses filhos jamais conheciam o pai. As negras se deitavam com o branco “a bem ou a mal”, que em seguida iam para suas honestas casas de família. O que ocorria a essas mulheres negras era a violação do corpo e não uma relação consensual.

O estupro da mulher negra é usado como castigo desde o tempo da escravidão, segundo Angela Davis. Enquanto os negros eram açoitados e mutilados, as negras eram também estupradas: “O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras” (DAVIS, 2016, p. 20). Não só castigo para a mulher, mas também para seu companheiro, pois o estupro era usado como forma de

dominação e repressão, sendo seu objetivo oculto o de aniquilar o desejo de resistência das negras e, ao mesmo tempo, desmoralizar seus companheiros. Como a mulher negra trabalhava tanto quanto o homem negro e tinha a sua feminilidade apagada por conta disso, ela podia perceber a própria força e ter noção do seu poder de resistência. Para que isso não acontecesse, eram violadas sexualmente e, dessa forma, elas se lembrariam da sua condição de fêmea. “Na visão baseada na ideia de supremacia masculina [...], isso significa passividade, aquiescência e fraqueza” (DAVIS, 2016, p. 37).

bell hooks atenta para a programação da televisão nos Estados Unidos, na qual uma única semana é suficiente para notar como as mulheres negras são estereotipadas na sociedade norte-americana com a imagem predominantemente da mulher “perdida”, “da rameira, da vadia, da prostituta” (HOOKS, 2018, p. 92). Segundo ela, é do sistema da escravatura que radica a designação de todas as mulheres negras como sexualmente imorais. Tanto as mulheres brancas como os homens brancos justificavam a violação do corpo das negras cativas com o argumento de serem elas quem tomavam a iniciativa. Exatamente por isso, não é espantoso que além do corpo, a sexualidade da mulher negra também fosse tema da conversa entre as mulheres brancas de *Caderno*, que, quando reunidas, gostavam de comentar acerca delas e da facilidade com que tinham filhos, em uma gravidez seguida da outra, atribuindo essa característica da mulher negra ao fato delas “gostarem de fazer sexo” e de serem muito “abertas”, como supunham:

Uma branca não admitia que gostasse de foder, mesmo que gostasse. E não admitir era uma garantia de seriedade para o marido, para a imaculada sociedade toda. As negras fodiam, essas sim, com todos e mais alguns, com os negros e os maridos das brancas, por gorjeta, certamente, por comida, ou por medo. E algumas talvez gostassem, e guinchassem, porque as negras eram animais e podiam guinchar. Mas, sobretudo, porque as negras autorizavam-se a si próprias a guinchar, a abrir as pernas, a ser largas. (FIGUEIREDO, 2010, p. 22-21).

Mesmo sabendo da possibilidade de um estupro do branco contra a negra, a branca não se penalizava, como se a mulher negra fosse culpada pelo que lhe acontecia, pois eram vistas como animais que viviam com as pernas abertas. Segundo Angela Davis, em países capitalistas, as leis contra estupro foram fundadas para proteger os homens das classes altas das agressões que poderiam sofrer as suas mulheres: filhas e esposas. Não importava aos tribunais o que poderia acontecer com as mulheres das classes trabalhadoras. Exatamente por isso, os homens que estupram essas mulheres, não sofrem as consequências dessa violência. No caso das mulheres negras e trabalhadoras de Moçambique, não só pouco importaria a um possível tribunal, como essa violência não era reconhecida como tal. O gesto de “ir às pretas” era algo naturalizado entre eles, inclusive entre suas mulheres. Essa violência contra o corpo da mulher negra se dá dessa forma porque ela sempre esteve atrás de todos na sociedade, segundo hooks:

Desde os tempos da escravatura que as gentes brancas estabeleceram uma hierarquia social assente na raça e no sexo que punha os brancos em primeiro lugar, as brancas em segundo, ainda que por vezes no mesmo patamar dos negros, que se encontram em terceiro, e as negras em último lugar. O que isto quer dizer, no contexto da política sexual da violação, é que se considera mais importante e significativo uma branca ser violada por um negro que milhares de negras serem violadas por um só branco. (HOOKS, 2018, p. 93-4).

No contexto moçambicano, segundo Figueiredo, um branco poderia casar com uma negra e esta ascender socialmente, por respeito ao branco, e sempre com ressalvas. No entanto, como a narradora de *Caderno* ressalta, uma mulher branca jamais poderia assumir um relacionamento com um homem negro, seria uma proscricção social, pois este nunca seria suficientemente civilizado. Além disso, hooks observa que estava bastante disseminada a tendência dos homens olharem para as negras como sexualmente indignas de respeito e, por isso, desprezavam suas conquistas. Uma negra poderia ter qualquer tipo de trabalho digno que seria sempre vista pelo branco como vadia ou prostituta. A mulher negra era sempre vista como um objeto sexual a disposição do homem branco.

Segundo Boaventura de Sousa Santos, a demonização do colonizado atinge o ápice quando se refere à mulher, pois esta é considerada responsável pela miscigenação que, nesse caso, é estigmatizada ao ser considerada um fator de degeneração da raça. Sergio Costa escreve que, para Gobineau², o negro estaria no degrau mais insignificante da hierarquia racial e, dessa forma, seriam inábeis para a vida civilizada:

Gobineau [...] mostra-se cético quanto ao progresso da humanidade, fundamentando seu pessimismo no ‘paradoxo racial civilizatório: quanto maior a ‘pulsão civilizatória’ da raça, tanto mais ela tende a assimilar as outras. E, quanto mais absorve sangue estranho, mais enfraquece e decai’ (COSTA, 2006, p. 157).

A posição subalterna do negro em sociedades colonizadas nunca ocorreu por questões de inferioridade biológicas, mas devido à escravidão e das questões sociais antagônicas. Portanto, a tentativa de branquear ou não a raça não apagaria esse período da história. bell hooks (2018) nos relata que durante a escravidão e depois é grande a desvalorização da feminilidade negra. Essa foi uma tentativa consciente e deliberada das pessoas brancas para sabotarem a autoconfiança e o amor-próprio da mulher negra. Essa desvalorização constante não era apenas consequência do ódio racial, mas sim um método calculado de controle social. Dessa forma, uma mulher negra não “se atreveria” a pensar que poderia disputar o mesmo espaço social que uma mulher branca. Além disso, a desvalorização institucionalizada da feminilidade negra permitia que os homens brancos as vissem

2 Filósofo francês, foi um dos mais importantes teóricos do racismo no século XIX.



como vadias ou prostitutas:

Os homens de classe baixa, que durante a escravatura pouco contacto sexual tinham tido com negras, eram incentivados a acreditar que tinham direito de acesso ao corpo das negras. Em grandes cidades, a sua luxúria por objectos sexuais negros levou ao nascimento de inúmeros bordéis, que forneciam corpos negros para suprir as necessidades crescentes dos brancos. O mito perpetuado pelos brancos de que as negras eram donas de uma sexualidade apurada encorajava os violadores e abusadores sexuais brancos. (HOOKS, 2018, p. 108).

Não à toa Frantz Fanon já observava a necessidade que mulheres negras tinham de embranquecer a raça, ao procurar se relacionar com homens brancos com esse intuito. Embranquecer é salvar a raça, não para preservar “a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram” (FANON, 2008, p. 57), mas para assegurar sua brancura. Para o psiquiatra martinicano, qualquer mulher negra sabe disso e terá uma preocupação em escolher seus pares, para que sejam brancos podendo gerar filhos mestiços, até que seus descendentes sejam brancos. “As pessoas costumam pedir desculpas quando ousam propor um amor negro a uma branca” (FANON, 2008, p. 63). Segundo ele, as mulheres negras vivem assombradas pelo grande sonho de se casar com um branco e europeu, pois precisam de um homem branco, e nada mais que isso. Porque a negra se sente inferior, então aspira ser admitida no mundo branco, para passar da casta dos escravos para a casta dos senhores. No entanto, essa lógica não cabia no contexto moçambicano, pois lá não existia essa possibilidade de ascensão social, segundo a narrativa de Figueiredo. Em *Caderno*, a autora escreve que uma negra jamais poderia cobrar a paternidade de um filho seu a um homem branco.

A filósofa Djamilia Ribeiro reforça o discurso de bell hooks ao observar que o mesmo apagamento da feminilidade da mulher negra ocorre aqui no Brasil desde o período colonial (mais antigo que o moçambicano). Aqui as negras também são estereotipadas como sendo “quentes”, naturalmente mais sensuais que a mulher branca e sedutoras de homens. No entanto, essa classificação que parte do olhar do colonizador, nada mais é que romantizar o fato de que a mulher negra, na verdade, foi estuprada por ele quando estava na condição de escrava. Ou seja, romantizam a violência sofrida por mulheres que não tinham direitos perante seus “senhores”.

A mulher negra, diferente da branca, não é tratada como frágil e casta. Por conta da escravidão, elas tiveram que realizar trabalhos que necessitassem do uso da força. A natureza feminina da negra escravizada, por exemplo, sempre fora ofuscada já que elas faziam o mesmo trabalho que os homens negros também na condição de escravos. O que diferencia a mulher negra do homem negro nessa mesma situação é o estupro. A mulher tem o seu corpo violentado sexualmente, o homem não. “A mulher negra ter sido submetida a esse tipo de violência sistematicamente evidencia uma relação



direta entre a colonização e a cultura do estupro” (RIBEIRO, 2018, p. 117). É claro que a mulher branca também está suscetível à violência sexual. No entanto, a negra encontra-se em um grupo mais propício a essa violência, visto que seus corpos já vêm sendo violentamente desumanizados historicamente, “ultrassexualizados, vistos como objeto sexual” (RIBEIRO, 2018, p. 117). São com esses estereótipos racistas, comuns na conversa entre as mulheres brancas de *Caderno*, que contribuem bastante para a cultura do estupro contra essas mulheres. Afinal, são as negras que “são vistas como lascivas, ‘fáceis’, as que não merecem ser tratadas com respeito” (RIBEIRO, 2018, p. 117).

No século XIX³, segundo hooks, a mulher branca se tornou um mito de pureza e virtuosidade, símbolo da Virgem Maria, isentando os homens brancos de vê-la com os estereótipos sexistas negativos da mulher comumente usados antes disso. Para isso a mulher branca teve que pagar o preço de abdicar dos seus impulsos sexuais. Segundo a autora, devido aos sofrimentos dos partos e ao grande número de gravidez e como isso se reduziu depois dessa mudança, provavelmente, essas mulheres não se importaram em abrir mão do prazer sexual. É no sistema escravagista que inicia a raiz de que a mulher negra é sexualmente depravada, imoral e perdida. A mulher branca e o homem branco justificaram a exploração sexual da mulher negra escravizada alegando que ela era promotora da relação sexual com o homem naturalmente. Afinal, a mulher branca era pura. É desse pensamento que nasce o estereótipo da mulher negra como selvagem sexual, semi-humana, animal tão sustentado pelas mulheres brancas de *Caderno*.

Sobre a necessidade que a mulher negra tinha de embranquecer a raça, dita por Fanon, este faz uma observação acerca das relações consensuais. Segundo o psiquiatra: “O fato de que alguns colonos brancos argelinos dormem com suas empregadinhas de quatorze anos não prova de modo algum a ausência de conflitos raciais na Argélia.” (FANON, 2008, p. 57). Como já fora mencionado antes, o contrário não existe. Um homem negro propor amor a uma mulher branca, no contexto colonial, é algo inadmissível. Não é que o amor seja aceitável em sociedade entre homem branco e mulher negra, mas a relação sexual, mesmo que essa mulher tenha seu corpo violado, é algo que todos sabem que acontece. Para Angela Davis, uma vez que as mulheres negras eram vistas como “fáceis” e prostitutas, as suas queixas de abuso sexual não careciam de legitimidade. A verdade é que “o racismo sempre serviu como um estímulo ao estupro” (DAVIS, 2016, p. 181).

É curioso como os estupros não são narrados na literatura e nem na teoria. O que se descreve sobre é que eles ocorrem e porque ocorrem. Virginie Despentes, em *Teoria King Kong* (2016), aponta a dificuldade em encontrar uma narrativa sobre esse tema, até mesmo para a sobrevivência de quem sofre o mesmo trauma:

Nenhuma mulher, após passar por um estupro, havia conseguido usar a linguagem para fazer dessa experiência o tema de um livro. Nada, nem guia, nem companhia. Isso não passa ao

3 Segundo hooks, no entanto, esse ideal de pureza da mulher branca é ainda mais antigo.



domínio do simbólico. É assombroso que nós mulheres não digamos nada às meninas, que não exista nenhuma transmissão de saber, de conselhos de sobrevivência, de conselhos práticos simples. Nada. (DESPENTES, 2016, p. 34).

Bruno Machado observa que, através do decreto nº 146, 10/05/1952, o então governo salazarista procurou contrariar o déficit de mulheres brancas nas colônias portuguesas em África estimulando o embarque de professoras e datilógrafas. A chegada dessas mulheres devia ser vista como parte de uma resposta mais ampla a problemas de controle colonial como a mestiçagem. Ao contrário do que se costuma pensar, o papel civilizador durante o período colonial não ficou apenas a cargo do colono homem. As mulheres brancas tinham sua função civilizadora de educar a mulher negra aos hábitos europeus, além de ensinar as crianças negras e aportuguesar tudo ao seu redor.

bell hooks (2018) escreve que não é difícil entender o significado de uma mulher negra oprimida sendo brutalmente torturada na frente das mulheres brancas da família (esposa e filhas), como na cena em que ela descreve um senhor de escravos ao castigar uma escrava, enquanto as filhas o observam escondidas atrás da cortina do quarto. Esses incidentes mostram para essas mulheres que a violência do marido servia de aviso caso elas não se mantivessem passivas. Certamente essas mulheres brancas, em algum momento, perceberam, de forma bastante cruel, é claro, que onde não houvesse mulheres negras, as vítimas seriam elas.

Ainda sobre a política de representação, Sérgio Costa observa que ora o negro é representado com o desenvolvimento moral e intelectual limitado, sendo infantilizado, ora cultiva-se a fantasia do negro hipersexualizado (oversexed). A “cona larga” citada em *Caderno de memórias coloniais* é, ainda hoje, uma forma da concepção das mulheres negras ao redor do mundo. O negro nesse livro é representado como os negros costumam ser em outras narrativas, reforçando sempre a imagem de indivíduos inferiores, irracionais, animais, infantilizados e hipersexualizados. Segundo Costa, essa política de concepção utiliza o corpo, na “sua estilização, sua performatividade e sua (re-) construção simbólica” (COSTA, 2006, p. 115) como meio vantajoso de sua viabilização.

Conclusão

O que o leitor percebe em *Caderno de memórias coloniais* é que o estupro da mulher negra, assim como as outras violências sofridas por ela, ocorre justamente por ela ter a cor que tem. A violência sofrida por essas mulheres é, antes de tudo, racismo. No entanto, diferente dos homens do mesmo grupo racial, por ser do gênero feminino, elas sofrem mais. Estão abaixo do homem negro,



que estão abaixo da mulher branca na hierarquia da humanidade criada pelo patriarcado branco.

Para as mulheres brancas deste romance, o sexo e, conseqüentemente, o prazer que se sente nele, era algo relegado apenas à mulher negra. A mulher branca é marcada pela presença religiosa e seu preconceito, sendo assim, a ausência do sexo confere a ela alguma dignidade. No entanto, essa era apenas mais uma forma de opressão. Ninguém era livre sexualmente, nem a mulher branca, ao negar gostar de sexo ou silenciando sobre o assunto, nem a mulher negra, ao ser estuprada pelo homem branco. Além disso, mesmo sendo ambas, negras e brancas, vítimas do sexismo, as primeiras eram vítimas também do racismo, sendo sujeitas a opressões que nenhuma branca precisava suportar. O imperialismo racial branco, tão discutido por Albert Memmi (2007), deixa claro que a mulher branca, por mais vítima do machismo que possa ser, também era capaz de adotar o papel de opressora em relação às negras e negros.

Bibliografia

COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. 4. ed. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

HOOKS, bell. *Não serei eu mulher? As mulheres negras e o feminismo*. Tradução: Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido do Retrato do Colonizador*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: O social e o político na transição pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1997.

